



Surto messiânico no adventismo: estudo de dois casos

Messianic outbreak in the adventism: two case studies

Igor Marques¹



ristianismo, desde os seus primórdios, parece nutrir relações íntimas com a escatologia, como força propulsora de sua mensagem messiânica. O papel da expectativa futura não foi diferente no surgimento do movimento adventista, que se considera um povo remanescente para os últimos dias antes da segunda vinda de Cristo. Entretanto, em algumas ocasiões, as motivações apocalípticas do adventismo fizeram eclodir surtos messiânicos responsáveis por acontecimentos reconhecida-mente trágicos, a exemplo do caso do “demônio do Catulé” e o “surto de Waco”. Muito embora tais eventos sejam “anomalias sociais”, desvinculadas do saudável desenvol-vimento da instituição adventista, o reconhecimento de que surtos messiânicos são reais ainda na atualidade deve relembrar os adventistas que sua mensagem escatoló-gica deve trabalhar em conjunto com outros fatores, e não de maneira exclusiva.

Palavras-chave: Surto Messiânico; Igreja Adventista do Sétimo Dia; Demônio do Catulé; Surto de Waco; Escatologia.



hristianity since its outset seems to maintain a close relationship with es-
chatology as an impulsive force of the messianic message. The task of the
future expectation played the same role with the emergence of the adven-
tist moviment which regard itself as the remnant people for the last days before
Jesus' second coming. Notwithstanding, at some occasions, adventist apocalyptic
motivations made arise some messianic outbreaks well-known by their tragic events,
namely “demônio de Catulé” and the “surto de Waco”. Although such events should

¹ Mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Professor no Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). E-mail: igor.marques@unasp.edu.br

be regarded as “social anomalies”, and placed apart from the healthy development of the Seventh-Day Adventist institution, the ideia that such messianic outbreaks are real even nowadays should remind the adventists that their eschatological message must be proclaimed together with other issues but never alone.

Keywords: Messianic Outbreak; Seventh-Day Adventist Church; Demônio do Catulê; Surto de Waco; Eschatology.



A história do cristianismo possui uma marcante relação com a escatologia. Muito do pensamento cristão foi voltado para a crença de se estar presenciando uma batalha universal, que terá como desfecho a segunda vinda de Cristo. Neste sentido, a escatologia não se trata de mera concepção teológica, mas de “uma cosmovisão que buscaria transformar a realidade a partir da expectativa da vinda de Cristo” (LOPES, 2011, p. 63). É possível, assim, alegar que a escatologia serve de consolo aos cristãos diante dos sofrimentos terrenos. Com razão, Jürgen Moltmann (2005, p. 37) escreveu sobre as decorrências da escatologia no cristianismo: “ela [a escatologia] faz da comunidade cristã uma fonte de impulsos sempre novos para a realização do direito, da liberdade e da humanidade aqui mesmo, à luz do futuro predito e que virá.”

A mesma ideia se demonstra verdadeira verificando-se o surgimento de movimentos milenaristas no percurso histórico da igreja cristã. Derosche (2000) compreende que os pensamentos messiânico² e milenarista têm sido a marca da fé cristã, desde suas raízes judaicas. Assim, os anseios por uma era dourada no futuro é temática continua no cristianismo. Lísias Negrão (2001, p. 119) apresenta um panorama geral acerca dos movimentos messiânicos, milenaristas, ou messiânico-milenaristas:

desde simples contestações pacíficas quanto a aspectos selecionados da vida social, até rebeldias armadas, ambos os tipos infor-

² Neste cenário, é importante definir os conceitos de messianismo: 1) *Messianismo*: diz respeito à crença em um salvador, o próprio Deus ou seu emissário, e à expectativa de sua chegada, que porá fim à ordem presente, tida como iníqua ou opressiva, e instaurará uma nova era de virtude e justiça; 2) *Movimento messiânico*: refere-se à atuação coletiva (por parte de um povo ou um segmento de porte variável de uma sociedade qualquer) no sentido de concretizar a nova ordem ansiada, sob a condução de um líder de virtudes carismáticas.

mados pelo universo ideológico religioso, capazes de, ao mesmo tempo, diagnosticar as causas das atribulações e sofrimentos e indicar caminhos para sua superação, desde os mais racionais até os mais utópicos.

Diante desse quadro, compreendendo o significado da escatologia à fé cristã, bem como sua base para a mentalidade messiânica-milenarista, pode ser levantada a seguinte questão: como evitar um surto messiânico? Quando rememoramos a história temos chances de refletir e de consolidar as identidades envolvidas nos diversos grupos religiosos; assim como, quando a ignorarmos, abrimos margens para repetirmos os mesmos eventos desagradáveis. Para responder a questão proposta, o presente artigo se ocupará de forma exclusiva de dois surtos messiânicos oriundos do movimento adventista, pensados como eventos correspondentes (CAMPOS, 2010, p. 103). Um deles representando um modelo dos antigos movimentos rurais/rústicos brasileiros, já o outro, mais recente, provém claramente das modificações ocorridas através dos processos modernizantes, através do qual acreditamos ser possível comparar aspectos de desenvolvimento entre a sociedade estadunidense e a brasileira (CAMPOS, 2013, p. 107).

139

O Adventismo estadunidense e seu universo simbólico

O adventismo é o exemplo típico de movimento que espera pela segunda vinda de Jesus Cristo (CAMPOS, 2013, p. 107). Eles estão presentes no Brasil desde a última década do século 19 (GREENLEAF, 2011). Contudo, os adventistas surgiram como um pequeno grupo nos Estados Unidos da América em meados do mesmo século (SCHWARZ; FLOYD, 2009). Atualmente, sua maior representante é a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), organizada oficialmente em 1863 a partir de um grupo de seguidores do movimento milenialista liderado por Guilherme Miller³ (HOSOKAWA; SCHUNEMANN, 2008). Após sua organização, a IASD

³ Guilherme Miller (1782-1849) nasceu em Pittsfield, estado de Massachusetts. Crescera em um lar marcado pelo senso de religiosidade em Low Hampton, na região noroeste do estado de Nova Iorque. Foi o fundador e principal líder do movimento milerita. Ex-deísta, Miller decidiu estudar as Escrituras por si mesmo após sua conversão destacando-se por seus cálculos cronológicos das profecias bíblicas.

desenvolveu uma intensa atividade proselitista, assumindo seu o papel como “remanescente dos últimos dias” com o imperativo de pregar uma mensagem mundial como cumprimento de sua missão (SCHÜNEMANN, 2002). O IBGE classificou a IASD como um grupo “evangélico de missão”, título que, de acordo com Schünemann (2002, p. 182), pode também aludir ao fato do Brasil sempre ter sido visto como um importante campo missionário para os evangélicos, principalmente devido à histórica predominância do catolicismo nas terras tupiniquins.

De outra forma, vale ressaltar que a expansão da IASD no Brasil está muito relacionada aos processos de imigração nos últimos anos do século 19 e início do século 20 (SCHÜNEMANN, 2002, p. 150). A expansão desse grupo religioso, de início insignificante, obteve um crescimento recente mais intenso (1.212 membros em 1906, mais de um milhão atualmente; ver BENEDICTO; BORGES, 2006, p. 8-13). Apenas se considerarmos os anos de 2000 a 2010, segundo o IBGE, o número de adventistas pulou de 1.209.842 para 1.561.071, um crescimento de 29%. Esse fator representou o segundo maior crescimento entre as denominações inseridas pelo instituto como denominada “grupo de missão”.

Contexto para difusão de uma mentalidade

A partir daqui serão analisadas as influências dos milenarismos e a fascinação que o conceito do “fim de mundo” exerceu nas pessoas (CAMPOS, 2013). Maria Isaura Pereira de Queiroz (1965, p. 92) enfatiza que os movimentos messiânico-milenaristas, durante a Idade Média, basearam seu modelo organizacional, social e político nos feudos, como fator favorável ao seu aparecimento. Não obstante à diminuição deles no período pós-feudal, estes movimentos, novamente, atraíram atenção em meados do século 19, período em que emergiu o movimento adventista.

O início do século 19 representou um marco no que diz respeito às origens do movimento adventista. Damsteegt (1990, p. 13) descreve a primeira parte desse século como um período de crescente ênfase no estudo de passagens bíblicas alusivas ao Segundo Advento. Em tal ocasião, muitos intérpretes protestantes se convenceram de que o retorno de Cristo era iminente, seguindo-se, assim, a inauguração do milênio — visão conhecida como *premilenialismo*. Alberto Timm (2009, p. 14) afirma que o estudioso mais destacado

desse período foi o batista Guilherme Miller⁴, que se tornou o líder do movimento milerita, o qual enfatizava “o retorno físico, visível e pré-milenar de Cristo e a purificação da Terra pelo fogo” (TIMM, 2009, p. 17).

O grupo milenialista liderado por Miller, com matiz de inconformismo com as associações religiosas estabelecidas até então (OLIVEIRA FILHO, 2004), passou por um período de enfraquecimento após o não cumprimento da profecia do retorno de Cristo (22 de outubro de 1844). Esse episódio ficou conhecido como o “Grande Desapontamento”. O cenário tornou-se o fundamento da mentalidade messiânica que apregoa o fim do mundo que, por deliberação divina, em pouco dará lugar a outro mundo, um reino da paz e justiça (QUEIROZ, 1993, p.132). Essa ideia expressa a convicção de que este mundo é transitório, marcado por pecados e injustiças, o que requer uma transformação operada pela interferência divina.

Contudo, mesmo perdendo adeptos devido ao descrédito de seu discurso, o movimento milerita reergueu-se, originando, assim, vários outros grupos, dentre os quais a IASD. Esta denominação religiosa tem uma identidade marcante, como destaca Ubirajara de Faria Prestes Filho (2006, p. 32), ao afirmar que

A IASD possui em seu nome duas marcas do movimento: sua ênfase escatológica, que ensina o fim da história por meio da segunda vinda de Jesus à Terra, e a guarda do sétimo dia da semana, como repouso instituído por Deus. A ênfase escatológica tem mantido sua singularidade, não porque seja a única a manter a crença nas profecias bíblicas, mas essencialmente porque tem toda sua estrutura ideológica centrada num ideal profético.

141

Ainda a respeito desse período (séc. 19), Henri Desroche (*apud* QUEIROZ, 1993, p. 93) afirma que das 125 comunidades religiosas existentes nos Estados Unidos, quase um terço era claramente milenarista⁵, além de outro número inferior com traços messiânicos. Convém notar

⁴ Guilherme Miller (1782-1849) nasceu em Pittsfield, estado de Massachusetts. Cresceu em um lar marcado pelo senso de religiosidade em Low Hampton na região noroeste do estado de Nova Iorque. Foi o fundador e principal líder do movimento milerita. Ex-deísta, decidiu estudar as Escrituras por si mesmo após sua conversão destacando-se por seus cálculos cronológicos das profecias bíblicas.

⁵ Neste contexto, entendido como movimentos que procuram construir um paraíso terrestre, possibilitando viver santamente neste mundo profano.

que, paralelamente, na Europa, a IASD foi colocada em “rota de colisão” com Napoleão Bonaparte durante a Revolução Francesa (ver CAMPOS, 2013). Esse fato representou o desprezo para com a religião dominante e a busca por novas experiências.

Portanto, parece possível afirmar com segurança que a IASD é fruto do período de intensa efervescência religiosa-milenarista que envolveu os Estados Unidos nos séculos 18 e 19. Mesmo tendo se restringido quanto ao surgimento de novas demonstrações carismáticas, após sua institucionalização. Também vale lembrar que ela não eliminou sua cosmovisão apocalíptica, já que a identidade adventista integra-se a partir da interpretação conferida ao livro do Apocalipse (SCHUNEMANN, 2002, p. 64), fator que tem por consequência o surgimento de movimentos dissidentes de caráter messiânico-milenarista.

O caso brasileiro do “demônio no Catulé”

142

Nas considerações de Lísias Negrão (2009), o Brasil tem se demonstrado pródigo na geração de movimentos messiânicos. Desde o primeiro século colonial, a ocorrência de surtos messiânico-milenaristas no Brasil pode ser registrada. Roger Bastide (*apud* QUEIROZ, 1993, p. 124) alega que já nos tempos do Santo Ofício o sonho messiânico estava presente nas terras brasileiras.

Maria de Queiroz (1965, p. 194-283) falou acerca da existência de nove movimentos rústicos documentados nesse período e registrou um último episódio o denominado “Povo do velho Pedro”, iniciado na década de 1940 no interior da Bahia. Todavia, em seu texto clássico sobre messianismos no Brasil, nada mencionou sobre um episódio no norte do Estado de Minas Gerais em 1955, não obstante este tenha recebido atenção de alguns estudos acadêmicos⁶ e também algumas recriações artísticas⁷. Ademais, é interessante notar que, segundo Renato da Silva Queiroz, os anos 1954/1955 foram

⁶ Entre os mais importantes pode ser mencionado “Estudos de sociologia e história”, publicado em 1957, do qual fez parte Carlos Castaldi com um capítulo intitulado “A aparição do demônio no Catulé”, além de capítulos sobre aspectos psicológicos e antropológicos do episódio e em 1993 a tese de livre-docência de Renato da Silva Queiroz defendida na USP sob o título “A caminho do paraíso: estudo antropológico sobre o surto messiânico-milenarista do Catulé”.

⁷ O episódio chegou à ficção teatral graças a Jorge Andrade, que produziu “Vereda da Salvação”. Os episódios do Catulé mereceram também uma versão cinematográfica, de nome idêntico ao da encenação teatral.

politicamente conturbados para o país (QUEIROZ, 1993, p. 53).⁸ Nesse contexto ocorreu o episódio derivado do adventismo.

Os eventos da tragédia

Renato da Silva Queiroz (1993, p. 55) informa que no norte de Minas Gerais, região montanhosa do Alto Jequitinhonha, situa-se o município de Malacacheta. Ele foi fundado em 1874 em terras ocupadas por índios *mala-caxis* e serviu de cenário, posteriormente, aos acontecimentos registrados no Catulé. Em 1955, ano do fatídico episódio, estimava-se sua população era de 35.516 habitantes. Leonildo Campos (2010, p. 87) resume da seguinte maneira as motivações para a tragédia:

Na semana santa do ano de 1955, um grupo de camponeses sem terra, recentemente convertidos à Igreja Adventista da Promessa, entrou em surto religioso, quando o medo do demônio se misturou com a expectativa da chegada de um enviado de Deus, que lideraria os fiéis na direção do “paraíso celestial”.

As características em comum entre os sujeitos do grupo eram evidenciadas por serem recém-conversos à Igreja Adventista da Promessa (IAP) e não possuírem a titularidade das terras ocupadas por eles. A conversão das famílias do Catulé, interior rural tradicionalmente católico, à mensagem do adventismo e ao pentecostalismo ocorreu no ano de 1954 quando um jovem por nome Onofre foi trabalhar nas lavouras do interior do Estado de São Paulo e aceitou a mensagem da IAP.⁹ Queiroz (1993, p. 194-196) apresenta uma cronologia que agrega um panorama dos acontecimentos:

✧ 1950-1953 — fixação das primeiras famílias de parceiros rurais no Catulé, com retorno de Onofre após três anos de ausência, período em que trabalhou nas fazendas de algodão de Presidente Prudente, SP, onde se converteu ao adventismo da promessa;

⁸ Getúlio Vargas cometeu suicídio em 24 de agosto de 1954. Entre o final da década de 1940 e o golpe militar de 1964 eclodiram no país diversos conflitos agrários.

⁹ Entre as rupturas da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil, a principal é a IAP. Essa ramificação, oriunda de 1932, pode ser relacionada à expansão do movimento pentecostal no Brasil. O movimento da IAP, embora natural de Pernambuco, expandiu-se principalmente a partir do Estado de São Paulo; seu estabelecimento expansionista se dá principalmente em regiões rurais (SCHUNEMANN, 2002, p. 295).

- ✧ 1954 — fixação de Joaquim e sua família, oriundos de Presidente Prudente, intensificando as atividades de proselitismo e conversão à IAP;
- ✧ 1954 (Outubro) — visita oficial de pastores da IAP vindos de São Paulo;
- ✧ 1955 (Fevereiro) — chegada de Geraldo Justiniano ao Catulé, membro leigo enviado pela direção da igreja para dirigir os trabalhos eclesiais no local. Ele estava em viagem de pregação em outra região na semana do surto;
- ✧ 4 de abril (segunda-feira) — início da “Semana de Oração” com vistas ao preparo espiritual para a viagem de proselitismo no bairro do Tabocal;
- ✧ 5 de abril (terça-feira) — Joaquim agride o “velho” Manoel. Revela-se a presença de Satanás entre os parceiros, dando ocasião aos espancamentos. A adolescente Conceição (13 anos) começa a ter “revelações” acerca de um fim iminente, afirmando a consequente necessidade de união entre os do grupo como defesa dos ataques satânicos;
- ✧ 6 de abril (quarta-feira) — prosseguem as orações e espancamentos;
- ✧ 7 de abril (quinta-feira) — Onofre muda seu nome; é morta a menina Nelcina; Joaquim anuncia pela primeira vez a ascensão à cidade celeste de Canaã; mais espancamentos acontecem;
- ✧ 8 de abril (sexta-feira) — Joaquim rompe seu noivado com Germana e torna a falar da ascensão. Os espancamentos continuam com a finalidade de “apurar a Igreja de Deus”;
- ✧ 9 de abril (sábado) — Joaquim se autodenomina “Jesus, filho do Deus Altíssimo”. Dá-se início a um processo de destruição de dinheiro e bens materiais. Conceição, “a profetiza” do grupo, afirma que Joaquim é Jesus e pode “curar” enfermos. Três meninos são mortos (João, Pedro e Josué). Seguem-se mais espancamentos;

✧ 10 de abril (domingo) — Joaquim masturba-se em público e determina uma confissão geral de pecados. Em seguida, conduz o grupo a um banho coletivo “de purificação”. Joaquim, como um messias, anuncia que já estavam vivendo o período de inocência do Jardim do Éden e assim todos poderiam ficar nus. Ele ainda pede que seu dente de ouro seja retirado para eliminação do “cheiro de Satanás”. Os soldados chegam para prender os líderes, chamados por uma jovem que fugiu do grupo. Joaquim e Onofre são mortos.

✧ 11 de abril (segunda-feira) — chega o reforço policial; os sobreviventes são conduzidos à delegacia.¹⁰

De acordo com Campos (1995, p. 63) poderia ser possível concluir, numa leitura rápida dos eventos, que o movimento de Catulé não possui tanta importância em virtude de sua duração efêmera. Contudo, os acontecimentos trágicos de Malacacheta, apesar de semelhantes aos observados em outros movimentos messiânicos e milenaristas brasileiros, não podem ser considerados como um caso obsoleto de fanatismo religioso oriundo de seu ambiente rural, como único fator favorável a tais manifestações.

145

Motivações religiosas do surto

De acordo com Schunemann (2002, p. 380), a mensagem escatológica da IASD possui “uma natureza atrativa para as camadas mais desafortunadas”. Contudo, esse fator social não foi exclusivo para a ocorrência do surto no Catulé; a experiência pentecostal parece também atuar coparticipante na causação dos eventos.

A maior divergência entre as doutrinas da IAP e da IASD encontra-se especialmente em suas peculiaridades pentecostais; “da ênfase do novo grupo na experiência extática, na crença de ser possível receber revelações diretas de Deus” (QUEIROZ, 2005, p. 107). Seus dirigentes enfatizam a busca pelo batismo do Espírito Santo, fenômeno considerado legítimo somente quando acompanhado da “glossolalia” (falar em línguas estranhas) sob forte impacto emocional. A autodenominação ‘da promessa’ está estritamente relacionada ao batismo do Espírito Santo, apegando-se ao fato de Jesus prometer aos discípulos o batismo com fogo. A partir disso, Queiroz (2005, p. 106) afirma que

¹⁰ Existem ainda outros eventos anotados, mas que não são essenciais ao propósito deste estudo.

o elemento singular no surto do Catulé foi a cosmovisão religiosa pentecostal. Apesar de tal autor não considerar o evento em Catulé como um exemplo de messianismo rural brasileiro, era evidente entre os participantes o preparo para a ascensão, onde todos acreditavam nas palavras do “Jesus do Catulé”. Sendo assim, e a partir do que foi considerado anteriormente, não parece restar dúvidas acerca do caráter messiânico do surto: há a ideia da condenação do “mundo terreno”, o anúncio do “fim dos tempos”, a mediação do “Salvador”, um período de expectativa messiânica, a preparação para o advento do “novo mundo” e o envolvimento dos adeptos à prática de “passagem” rumo à cidade celeste de Canaã (QUEIROZ, 1993, p. 163).

As considerações de Campos (1995, p. 105) auxiliam na compreensão dos episódios ao afirmar que “a mentalidade messiânica que é muito acentuada entre os adventistas de um modo geral faz com que eles esquadrinhem a história para encontrar nela sinais de que o tempo do fim está próximo”. Estes acontecimentos na década de 1950, envolvendo os adventistas da promessa, na visão de Schunemann (2002, p. 296), contribuíram negativamente para a imagem do adventismo no Brasil. Em face a tais acontecimentos, ainda que evidenciando a inculpabilidade da instituição religiosa, de acordo com Campos (2010, p. 97), houve um verdadeiro silêncio por parte de pastores e instituições que negavam qualquer relação com o ocorrido, mesmo entre os da IAP. Leonildo Campos, informa ainda por outro lado que a IASD pronunciou-se por meio de uma pequena nota publicada na revista *O Atalaia* (jun. 1955), onde buscou “desmentir quaisquer ligações com grupos religiosos, que segundo ela, usavam indevidamente o nome adventista no Brasil e condenou com veemência os acontecimentos de Malacacheta” (2010, p. 98). Campos comenta sua impressão de que a reação protestante foi inibida, tanto pelo sensacionalismo da imprensa quanto pela acirrada tensão entre católicos e protestantes, que continuava ainda imperante naquela região. O que parece claro até aqui é a dificuldade de convivência com uma “mentalidade messiânica milenarista”.

Caso estadunidense: o “surto de Waco”

Para a surpresa daqueles que apostam na cessação das mobilizações místicas de cunho messiânico e/ou milenarista a partir da modernidade/secularização, Queiroz (1993, p. 8) comenta acerca de alguns registros recentes. O autor fala acerca de casos cujos perfis exibem feições messiânico-milenaristas e escatológico-apocalípticas com ritos que intentam salvação coletiva, a

exemplo de alguns evidenciados em países do exterior, sobretudo nos Estados Unidos. De tais registros, podem ser mencionados o caso de “Jim Jones”, que se encerrou dramaticamente na Guiana, em 1978, com o suicídio de 913 adeptos do “Templo do Povo”; entre os mais recentes, o caso da “Ordem do Templo Solar”, que conta com adeptos no Canadá, na Suíça e em San Diego (EUA), localidade em que 39 de seus integrantes se suicidaram em 1997; e o caso da rebelião da seita texana “Ramo Davidiano”, em 1993, liderada por David Koresh¹¹, também seguido de um trágico desenlace, episódio que será o foco deste ensaio, por ter importante relação com a IASD.

Os ex-milleritas que formaram a IASD continuam a esperar retorno iminente de Cristo. Porém, essa denominação experimentou considerável número de cismas. A história do ramo Davidiano começa com uma dessas rupturas cismáticas iniciais. A história está dividida em três segmentos: o Houteff, Roden e Koresh, os quais correspondem à sucessão na liderança do grupo durante os respectivos períodos (BROMLEY; SILVER, 1995). O Ramo Davidiano foi fundado em 1929 por Victor Houteff, um imigrante búlgaro que havia chegado aos Estados Unidos em 1907. Neste país, ele se tornou um adventista após pouco mais de uma década.

Entretanto, em 1929, Victor Houteff sentiu-se desiludido com a igreja e, então, desafiou a IASD em seu manifesto “The Shepherd’s Rod”, afirmando que a ela “era realmente a autêntica igreja do remanescente, mas que a igreja e seus líderes haviam abandonado os ensinamentos das escrituras, tornando-se excessivamente materialista e mundana” (BROMLEY, 1995, p.149). Neste sentido, Houteff acreditava que havia sido designado como um mensageiro divino para revelar novas verdades espirituais e conduzir o processo de purificação que daria ocasião ao retorno de Cristo. Para tanto, julgava possuir duas missões divinamente comissionadas: desvendar os segredos dos “Sete Selos do Apocalipse” e reunir os 144.000 fiéis para a segunda Vinda de Cristo. Ele comprou um pedaço de terra perto de Waco (TX) e batizou a fazenda como comunidade “Monte Carmelo”. Nesse local, de acordo com Bromley e Silver (1995), os residentes viviam completamente alheios aos acontecimentos fora de sua comunidade, pois cultivavam seus próprios alimentos, possuíam suas próprias escolas, logravam de restrito acesso a fontes externas de notícias e até possuíam sua própria moeda interna.

A morte de Houteff em 1955 surpreendeu seus seguidores, que esperavam que seu reinado na implantação iminente do Reino de Deus, prevista por ele

¹¹ Este episódio foi transportado para as telas de cinema cinematográficos por meio do filme/documentário “Tragédia de Waco: massacre em Texas”, dirigido por Fernando Durán Rojas.

mesmo. Após uma breve disputa interna, a viúva Florence Houteff assumiu a liderança do grupo, estabelecendo-se como portadora da revelação divina. Sua liderança justificou a fixação do dia 22 de abril de 1959 como o estabelecimento terrestre do Reino de Deus. Com o não cumprimento da profecia, o grupo se dispersou. Dentro de um curto espaço de tempo, Benjamin Roden ganhou a lealdade da maioria dos remanescentes Davidianos e obteve o controle legal sobre a propriedade do Monte Carmelo, rebatizando o grupo como a “Associação de Adventistas do Sétimo Dia Davidianos”. Quando morreu, em 22 de Outubro de 1978, a esposa e seu filho disputaram a sucessão. Bromley (1995) informa que, no contexto das demandas judiciais pela liderança do grupo, surgiu a figura de David Koresh, que nasceu como Vernon Howell¹², no ano de 1959. Ele havia estudado em escolas adventistas no período correspondente ao Ensino Fundamental e, em 1987, assumiu definitivamente a liderança do Ramo Davidiano após tiroteios com o filho de Benjamin Roden, seu rival (SILVA, 1993, P. 12).

De acordo com Bromley (1995), as doutrinas do Ramo Davidiano possuem forte herança das doutrinas da IASD. A base bíblica foi mantida, porém, em certo sentido, a Bíblia foi suplantada por revelações do profeta. Koresh ensinava que seu papel messiânico foi crucial para a salvação humana, visto que Cristo morreu apenas para aqueles que viveram antes de sua crucificação; a missão de Koresh, portanto, tornava-se necessária para redimir todas as gerações subsequentes. Contudo, diferente de Cristo, ele era um “messias pecaminoso”.

148

Os eventos da tragédia

David Koresh rebatizou a comunidade do Monte Carmelo como o “Rancho Apocalipse” em 1992. Em suas atividades proselitistas, aparentemente, foi capaz de atrair os jovens para o grupo devido à sua própria juventude, comportamento contracultura, interesses musicais e automotivos. Sua imagem demonstrava figurar tanto prestígio entre seus adeptos que um de seus seguidores afirmou: “Eu acredito que David é o Messias. Ele tem me mostrado repetidamente que conhece o livro, e ele apresentou as Escrituras que mostram como os acontecimentos do último dia irão acontecer”

¹² De acordo com o jornal *Folha de São Paulo* (1993, p. 12), em 1990 trocou seu nome de modo a representar sua missão. “Koresh” é a palavra hebraica para o nome “Ciro”, o rei persa que derrotou os babilônios 500 anos antes do nascimento de Jesus. Ao tomar o primeiro nome David, Koresh afirmou que representava o descendente espiritual do rei Davi, o antepassado do novo messias. David Koresh, então, era uma figura messiânica comissionada para a realização de uma missão divina.

(BROMLEY, 1995). Sua mãe chegou a afirmar que Koresh realmente é “a reencarnação de Cristo” (SILVA, 1993, p. 12).

David Koresh e seus adeptos começaram a se preparar para um apocalipse estocando armamento de fogo. Tal comportamento chamou a atenção dos agentes federais. A polícia tentou invadir a propriedade-fortaleza em 28 de fevereiro de 1993, mas o ataque policial rapidamente se transformou em um tiroteio entre os agentes e os membros do Ramo Davidiano. O evento redundou em seis mortes e muitos feridos devido ao tiroteio travado entre as forças policiais e os “fanáticos” (QUEIROZ, 1993, p. 7).

O impasse resultou num cerco de 51 dias, terminando em 19 de abril, quando agentes federais lançaram um novo ataque contra o complexo Davidiano com o auxílio de agentes federais, apoiados por helicópteros e carros blindados. Previa-se imediatamente a invasão da propriedade rural onde se entrincheiravam os “fanáticos”. Os federais se utilizaram de gás nocivo numa tentativa de forçar os Davidianos a saírem do prédio. Como desfecho do evento, após um incêndio, mais de 80 davidianos pereceram (QUEIROZ, 1993, p. 6), fato que foi grandemente divulgado pela imprensa. Alguns canais de notícias enfatizaram a existência de uma relação de David Koresh com a IASD, atribuindo à escatologia desta igreja a culpa pela tragédia.¹³

149

Considerações finais

Por fim, pode-se perceber que nas sociedades modernas, ou nos segmentos modernos de sociedades tradicionais, os movimentos messiânico-milenaristas tendem à diminuição. Contudo, não parecem extinguir-se por completo. O tema das mobilizações messiânico-milenaristas se demonstram atuais, como atestam numerosas publicações e teses pertinentes ao assunto. Ademais, Lísias Negrão (2001) afirma que as crenças apocalípticas ainda perfazem o imaginário popular de vastos segmentos sociais. Esse fator torna-se o catalisador de eclosões de surtos, tanto em ambientes rurais quanto urbanos.

Mesmo entre indivíduos com alto nível de escolarização, cidadãos de países modernos, como o exemplo norte americano, a solução mágico-milenarista ainda perdura. Esse fator seria motivo suficiente para o devido surgimento de novos movimentos nos centros urbanos.

¹³ Por exemplo, cita-se a Revista *Newsweek* (15 mar. 1993, p. 57): “Que os adventistas tinham se tornado negligentes. Que a volta de Cristo estava iminente, mas que não poderia ocorrer até que houvesse uma igreja pura que pudesse receber a Cristo”.

Entretanto, vale enfatizar, a partir deste trabalho, a dificuldade de conviver com a possibilidade do reaparecimento de uma “mentalidade messiânica milenarista” por parte da IASD. Ignorando o que ocorreu no passado com pessoas de formação adventista, a igreja não aprendeu com seus erros pretéritos; ao confirmar sua desvinculação dos fatos, ela exclui a possibilidade de repetições futuras. Nesse sentido, parece existir certa ironia de identidade: mesmo sendo oriundo de uma mentalidade messiânica milenarista, o adventismo não sabe conviver com o reaparecimento desse fenômeno (CAMPOS, 2010, p. 119).

De acordo com Rivera (2001), o retorno às origens não significa permanência no passado, mas objetiva a busca por um sentido presente, além de nutrir esperança futura. Dessa maneira, a revisão histórica permitiu atender às questões de relação entre cosmologia e escatologia e entre a identidade e formação destes grupos. A IASD deveria ter refletido em busca de erros e reparos. Neste sentido, Campos (2013, p. 115) assevera que “a pregação da escatologia adventista ganha uma força irresistível entre os fracos, pobres e sofrendores”. A partir da pregação do fim dos tempos, Koresh levou seu grupo de seguidores à morte pelo fogo na guerra contra o FBI, enquanto o ideal de um paraíso celestial levou camponeses no interior de Minas Gerais seguirem de maneira cega seus líderes religiosos. Por esse motivo a ligação entre cosmologias e escatologias foi essencial, visto que a ênfase escatológica na cosmologia adventista confere ocasião para o surto messiânico, a possibilidade para acontecimentos dessa natureza é grande. A escatologia precisa trabalhar em conjunto com outros fatores, não como exclusividade.

Referências

BENEDICTO, M.; BORGES, M. Um Século de História. **Revista Adventista**, p. 8-13, jan. 2006.

BROMLEY, D. G.; SILVER, E. D. **The branch davidians: a social profile and organizational history**. New York: State University of New York Press, 1995. (S U N Y Series in Religious Studies).

CAMPOS, L. S. Um “surto” religioso em malacacheta: algumas observações sobre o embate entre “cristo” e o “demônio” numa comunidade adventista da promessa em 1955. In: MARQUES, L. L. (Org.). **Religiosidades populares e multiculturalismo: intolerâncias, diálogos, interpretações**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

_____. O messianismo: análise sociológica de um caso: uma comunidade “protestante” no Catulé. **Revista Estudos de Religião**, v. 10, n. 11, dez. 1995.

_____. Esperando o “fim do mundo” e a segunda vinda de Cristo — o sucesso e as conexões do milenarismo das “Testemunhas de Jeová” com a cultura popular. In: CAMPOS, L. S.; MO SUNG, J. **Religiões populares e novos cenários culturais: rupturas e continuidades**. São Paulo: Ed. Reflexão, 2013.

DAMSTEEGT, P. G. **Foundations of the Seventh-day Adventist message and mission**. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1990.

DESROCHE, Henri. **Dicionário de messianismos e milenarismos**. São Bernardo do Campo: UESP, 2000.

GREENLEAF, F. **Terra de esperança: o crescimento adventista na América do Sul**. Tatuí: CPB, 2009.

HOSOKAWA; SCHUNEMANN. A conversão de imigrantes japoneses no Brasil à Igreja Adventista do Sétimo Dia. **Estudos da Religião**. Set. 2008, p. 101-125

LOPES, E. P. Escatologia e milenarismo na história da igreja cristã. **Ciências da Religião — História e Sociedade**, v. 9, n. 1, 2011. 151

MOLTMANN, J. **Teologia da esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã**. São Paulo: Editora Teológica: Edições Loyola, 2005.

OLIVEIRA FILHO, J. J. Formação histórica do movimento adventista. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, 2004.

NEGRÃO, L. N. Revisitando o Messianismo no Brasil e profetizando seu futuro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 16, n. 46, jun. 2001.

_____. Sobre os messianismos e milenarismos brasileiros. **Revista USP**, n. 82, p. 32-45, jun./ago. 2009.

PRESTES FILHO, U. F. **O indígena e a mensagem do segundo advento: missionários adventistas e povos indígenas na primeira metade do século XX**. Tese (Doutorado). São Paulo, Universidade de São Paulo, 2006.

QUEIROZ, M. I. P. **O messianismo no Brasil e no mundo**. São Paulo, Dominus/Edusp, 1965.

QUEIROZ, R. S. **A caminho do paraíso**: estudo antropológico sobre o surto messiânico-milenarista do catulé. Tese. (Doutorado). São Paulo, Universidade de São Paulo, 1993.

_____. Mobilizações sociorreligiosas no Brasil: os surtos messiânicos milenaristas. **Revista USP**, n. 67, p. 132-149, set./nov. 2005.

RIVERA, P. B. **Tradição, transmissão e emoção religiosa**: Sociologia do protestantismo na América Latina. São Paulo: Olho D'Água, 2001.

SCHUNEMANN, H. E. S. **“O tempo do fim”**: uma história social da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil. Tese. (Doutorado em Ciências da Religião). São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 2002.

SCHWARZ, R. W.; FLOYD, G. **Portadores de luz**: História da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2009.

STENCEL, R. **História da educação superior adventista**: Brasil, 1969 a 1999. Tese. (Doutorado em Pedagogia). Piracicaba, Universidade Metodista de Piracicaba, 2006.

TIMM, A. R. **O santuário e as três mensagens angélicas**: fatores integrativos do desenvolvimento das doutrinas adventistas. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2009.

Enviado dia 15/05/2013

Aceito dia 26/06/2013

